

É incrível, porém absolutamente verdadeiro: os episódios burlescos tramados por deputados — falta a sessões, aumento de salários, adiamento de votações prioritárias para o País —, que colocam no fundo do poço a imagem parlamentar, terão efeito contrário ao que se imagina. Não despacharão os rebotalhos da Câmara, composta por uma maioria de representantes fisiológicos, individualistas, empiristas e perpetuadores do estilo coronelista. A imagem negativa dos deputados acabará se voltando contra os representantes de uma política mais ética e comprometida com os ideais coletivos.

E a razão é muito simples: os gazeiteiros e embromadores da Câmara acabam passando os fins de semana prolongados em suas bases, fazendo conchavos, comprando interesses aqui e ali, negociando espaços e abrindo novas oportunidades. Os deputados responsáveis e imbuídos de padrões cívicos, em número bem menor, se desdobram para votar, ter presença em plenário e nas comissões. Afastados mais tempo de suas bases, precisam de boa visibilidade na mídia para poderem fixar um conceito na mente dos eleitores. Nem todos conseguem tal visibilidade e, no desenvolvimento de um processo de mentalização de opinião pública, o joio acaba matando o trigo.



**Pão e circo para satisfação e diversão das massas não bastam**

É bem possível, portanto, que a próxima representação, na Câmara, esteja ainda impregnada do que temos de pior na política. Como é viável também supor que alguns dos chamados éticos sejam excluídos da próxima legislatura. Ou seja, as regiões menos desenvolvidas, política e culturalmente, tendem a eleger perfis tradicionais, mesmo com a capilaridade das críticas feitas ao Congresso. Os vasos comunicantes, empurrando um dis-

curso crítico, não têm força suficiente para derrubar todos os bastiões antigos.

Essa situação denota alto grau de incultura política. Cerca de 50% do eleitorado brasileiro, ou seja, 50 milhões de eleitores tendem, ainda, a votar pela pressão do cabresto ou pela indução emotiva. Enquanto não se fizer uma reforma política em profundidade, a partir da mudança do sistema de representação — contemplando-se, equilibradamente, as densidades eleitorais — e do tipo de voto — adoção do voto distrital misto —, o descabimento persistirá. Pelo voto distrital misto teríamos garantidos os deputados com perfil assistencialista, mas sobreria espaço para os deputados com perfil voltado para causas nacionais. E a correção das proporcionalidades diminuiria o número de fisiológicos e oportunistas.

Diz-se que o quadro atual de representação é a cara do Brasil. Mas

isso não obriga a que nivelemos por baixo. Pão e circo para satisfação e diversão das massas não bastam. O nível de deterioração política é alarmante. Em décadas passadas, mesmo com maior número de analfabetos e uma politicalha de sesmarias, tínhamos gente de envergadura no Congresso. Havia líderes, grandes discursos, ótimos tribunos e a política ensinava um *plus* ético denso e generalizado. Hoje, dispomos de um Congresso vazio de lideranças. Negocia-se às escuras, decide-se com voto de liderança, maquina-se com o subterfúgio da ausência dos presidentes da Câmara e do Senado. Uma indignidade.

A insensibilidade dos nossos políticos beira algo de insano e mons-

truoso. Tiramos um presidente, sob a égide da moralidade. Fez-se uma CPI para cassar corruptos, sob os auspícios da ética. Estamos iniciando uma das maiores campanhas eleitorais da História republicana, empunhando a bandeira da limpeza e da mudança de comportamentos. Muitos dos nossos representantes, porém, querem a manutenção do *status quo*. Não lhes interessa perder privilégios. E sabem que, no embate eleitoral, pelas circunstâncias de nossa geopolítica, os melhores acabam perdendo o lugar para os piores. É assim que os rebotalhos se perpetuam.

■ Gaudêncio Torquato, jornalista, é professor titular da USP e analista político

